

A importância tática do emprego de equipe de caçadores nas operações urbanas

Diego Teixeira de Carvalho Zago*

Introdução

Nos últimos anos, as Forças Armadas vêm, constantemente, sendo empregadas pelo Estado brasileiro em complexas operações militares que têm se desenvolvido em grandes centros urbanos, onde as ameaças encontradas pelas tropas muitas vezes misturam-se com a população civil ou até mesmo as utiliza como forma de proteção.

Em todas essas operações, o Exército Brasileiro empregou com eficiência uma importante ferramenta tática capaz de realizar reconhecimentos precisos, levantamentos de inteligência e ainda apoiar tropas com informações e tiros seletivos. O emprego desse elemento operacional, conhecido na caserna como caçador, *sniper* ou atirador de precisão, exige, antes de tudo, que ele seja um perito em técnicas, táticas e procedimentos, enrijecido física e mentalmente, que realize fogo seletivo, a comando ou não, sobre forças hostis, eliminando alvos escolhidos pela importância de suas funções e pela dificuldade de serem engajados por outros meios. Suas ações ocorrem tanto de forma destacada, quanto em conjunto com outras atividades militares existentes em uma operação (BRASIL, 1998, p.1-2; AFONG, 2010, p. 22, *apud* AMOR, 2015, p. 54, tradução nossa).

Desenvolvimento

A equipe de caçadores

Apesar de sua característica especializada, o caçador não é formado para atuar sozinho em sua missão. A experiência do passado mostrou que o emprego em equipes de caçador/observador aumenta significativamente

a taxa de sucesso das missões. Caçadores que são empregados isoladamente têm mostrado uma acentuada diminuição na sua eficácia e desempenho quase que imediatamente após o início da missão. Essa redução na eficácia deve-se ao fato de o caçador se sobrecarregar, preocupando-se com sua segurança, as tarefas a serem realizadas e as próprias emoções (EUA, 2003a, p. 1-5, *apud* AMOR, 2015, p. 55, tradução nossa).

No Exército Brasileiro, a constituição mínima adotada para uma equipe de caçadores (Eqp Cçd) é a de dois militares, sendo ambos possuidores do estágio de especialização. Nessa composição, o militar mais experiente da equipe assume a função de observador, enquanto o menos experiente se encarrega da função de atirador, permanecendo em condições de executar o disparo, quando necessário (BRASIL, 1998, p. 5-2). Com o objetivo de agregar algumas qualificações nas equipes de caçadores de operações especiais, costuma-se adicionar dois militares para as funções da área de saúde e de comunicações. Com isso, amplia-se a capacidade da equipe para a realização de primeiros socorros, caso seja necessário, além de aumentar sua eficácia no fluxo de informações com o comando da missão (SILVA, 2013, p. 22).

O emprego dessa formação com quatro militares tem mostrado sua eficiência, sobretudo nas operações em ambiente urbano, em que as ameaças encontradas não possuem uma posição definida, exigindo da equipe de caçadores a constante manutenção da sua segurança em todas as direções. Nessa composição, os militares agregados à equipe conduzem armamentos semiautomáticos adicionais com o objetivo de mitigar o baixo volume de fogos apresentado pelo fuzil

* Cap Inf (AMAN/2011, EsAO/2020). Atualmente, serve no CIOpEsp, em Niterói – RJ.

de precisão aferrolhado do atirador. Ao observador, facultada-se a condução de armamento aferrolhado ou semiautomático, variando de acordo com as características de cada missão.

Quando empregadas mais de uma equipe de caçadores em uma mesma operação, existe a necessidade de se destacar um militar para a função de “controlador” dessas equipes. Esse militar, também possuidor do estágio de caçador, permanece junto ao comando, recebendo o fluxo de informações, trabalhando-as e fornecendo o assessoramento preciso.

Treinamento e adestramento constantes

A realização do estágio de caçador ensina aos militares os conhecimentos específicos sobre o tiro de precisão, técnicas de material e procedimentos relacionados à atividade do caçador. Entretanto somente o constante adestramento em frações constituídas possibilitam às equipes um melhor amadurecimento tático, permitindo aos militares a ideal integração das diversas habilidades inerentes ao emprego do caçador.

Em entrevista para a revista *Veja* em 2015, Chris Sajnog, ex-militar *Seal* que serviu as Forças Armadas americanas por 20 anos, destacou a importância de que um caçador seja um militar dotado de diversas aptidões:

Planejamento, camuflagem, observação e inteligência são atributos muito mais importantes do que saber apertar um gatilho na hora certa. Os tiros e as mortes são o que chamam a atenção das pessoas e da imprensa, mas o trabalho de um *sniper* é majoritariamente de observação e inteligência. É preciso saber se mover sem ser descoberto por entre as linhas inimigas, manter o seu território e reportar informações vitais para seus colegas. Os *snipers* não são apenas bons atiradores, são também uma força multiplicadora, que coleta informações valiosas e as compartilham.

No Exército Brasileiro, o Comando de Operações Especiais possui destacamentos constantemente equipados e adestrados para atividades específicas de caçadores. No 1º Batalhão de Ações de Comandos, existe o Destacamento de Reconhecimento e Caçadores e, no 1º Batalhão de Forças Especiais, encontra-se o 5º Destacamento Operacional de Forças Especiais (BRASIL,

2019). Ambas as frações são constituídas por militares experientes, que majoritariamente integraram as equipes táticas dos batalhões, possuindo, assim, conhecimento prévio sobre as formas de manobra a serem executadas na missão. O adestramento individual, em conjunto com as equipes táticas, permite aos caçadores condições favoráveis para proverem o suporte específico no decorrer de uma operação.

Nos batalhões de infantaria, de acordo com o CI 21-2/2 – *O Caçador* (BRASIL, 2006), também são previstas duas turmas de caçadores, que permanecem sob o comando da 3ª Seção do batalhão, porém essas, de maneira geral, ainda não correspondem a uma fração constituída e perene, sendo acionadas de acordo com as demandas impostas à organização militar.

Capacidades de emprego

Nas operações em ambiente urbano nas quais o Exército Brasileiro empregou suas tropas, observou-se que as equipes de caçadores se tornaram peças fundamentais nas ações desenvolvidas. Nessas oportunidades, os caçadores atuaram provendo a segurança das equipes táticas durante o investimento, geralmente ocupando posições de tiro em acidentes capitais com dominância sobre a localidade, provendo, assim, a consciência situacional em tempo oportuno à equipe tática e ao comando enquadrante, ficando sempre em condições de realizar tiros seletivos sobre alvos de interesse para a operação (AMOR, 2015, p. 97-101).

No entanto, é comum associar o emprego da equipe de caçadores apenas ao apoio de fogo e à letalidade seletiva, porém essa equipe também tem apresentado uma elevada capacidade operativa em reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos, contribuindo, assim, de maneira significativa para as funções de combate *inteligência e comando e controle*.

Em seu livro *American Sniper*, Chris Kyle relata que, em suas ações de combate junto ao Exército Americano, as equipes de caçadores dos SEALs eram, normalmente, desdobradas à frente do avanço dos fuzileiros, com a finalidade de neutralizar focos de ameaça para tropa. Também era comum, no entanto, as equipes realizarem reconhecimento antes da ocupação da tropa, a fim de

reduzir ao máximo as hostilidades e ter capacidade de informar com precisão e oportunidade as ameaças remanescentes (KYLE, 2012, p. 98-99, tradução nossa).

O emprego adequado da Eqp Cçd é fundamental para subsidiar o planejamento da operação, melhorar a consciência situacional nos diversos níveis e contribuir com o processo decisório. Na fase de planejamentos, a equipe de caçadores possui a capacidade de ser empregada em ações de reconhecimentos por meio da ocupação de posições de observação. Nessa etapa, além do levantamento dos aspectos inerentes à função de combate *inteligência*, particularmente do dispositivo inimigo, a equipe também tem condições de realizar uma análise minuciosa dos aspectos relacionados ao terreno, que irão influenciar diretamente a manobra (EUA, 2009, p. 1-7, *apud* GONÇALVES, 2017, p. 67, tradução nossa).

Por essa razão, os elementos encarregados dessa tarefa devem ter pleno conhecimento das técnicas, táticas e procedimentos executados pela tropa apoiada. Ademais, a participação do comandante da equipe no decorrer dos planejamentos preliminares é fundamental, pois a Eqp Cçd deve estar familiarizada com todos os detalhes da manobra, com as medidas de coordenação e controle, com os objetivos estabelecidos e com as intenções do comandante, possibilitando, desse modo, a ampliação da iniciativa da equipe e da capacidade de assessoramento ao comando da operação.

Após início do emprego, os Cçd geralmente operam independentemente. Eles devem entender a intenção do Cmt, o conceito da operação e o propósito das tarefas que lhes foram designadas. Isso permite que as Eqp possam exercitar a iniciativa, sem deixar de lado a intenção do comando e o conceito da operação no cumprimento das missões da unidade. (EUA, 2005, p. F-1, *apud* GONÇALVES, 2017, p. 78, tradução e grifo nosso)

Durante a fase de execução, as Eqp Cçd também podem contribuir para melhorar a consciência situacional dos elementos empregados na zona de ação e do comando da missão. A infiltração da equipe na área de operações pode variar de acordo com o planejamento, sendo possível a incursão destacada da tropa apoiada ou a incursão simultânea. Na primeira, as equipes se

pré-posicionam nos locais anteriormente planejados que possuam dominância sobre a área a ser investida pela tropa, fornecendo, assim, informações sobre possíveis inimigos no decorrer do itinerário, orientando a fração, caso seja necessário, e permanecendo em condições de engajar qualquer ameaça à fração apoiada. Na segunda, progridem junto com as frações apoiadas e, ao identificarem posições favoráveis, pré-planejadas ou não, são destacadas da tropa e ocupam suas posições para proporcionarem o apoio necessário (GONÇALVES, 2017, p. 75).

As Eqp Cçd devem operar em cada zona de ação, movendo-se com as frações e apoiando-as. Elas podem operar a uma certa distância dos fuzileiros, de maneira a evitar seu engajamento decisivo em trocas de tiro, mas próximas o suficiente para neutralizar os alvos mais distantes que ameacem o avanço das tropas. Algumas Eqp Cçd podem operar de maneira independente, de forma a procurar alvos de oportunidade, particularmente caçadores e franco-atiradores inimigos. (EUA, 2009, p. 8-23, *apud* GONÇALVES, 2017, p. 75, tradução nossa)

Outra forma de emprego que também vem sendo executada com expressiva relevância é o posicionamento da Eqp Cçd embarcada em aeronaves de asas rotativas, normalmente composta por um controlador e dois caçadores. Nessa situação, o controlador permanece no interior da aeronave, estabelecendo o contato rádio com a tripulação, com o centro de operações e coordenando o emprego dos caçadores. Os caçadores, por sua vez, ocupam posições de observação e de tiro nas portas laterais.

Embarcada, a equipe possui condições de atuar como plataforma de comando e controle, atualizando o centro de operações sobre as evoluções da manobra e permanecendo em condições de executar disparos quando necessário (AMOR, 2015, p. 176). Para essa forma de emprego, normalmente são realizadas análises junto à tripulação da aeronave para que sejam observadas altura e velocidade de voo necessárias para o cumprimento da missão. De qualquer maneira, para se atingir o objetivo de atuar como plataforma de comando e controle, ocupando posições de observação em helicópteros, ressalta-se novamente que a equipe

de caçadores embarcada deve ter pleno entendimento da manobra, bem como o perfeito entendimento das intenções do comandante.

Ademais, as equipes de caçadores representam um forte vetor de operação psicológica durante seu emprego, pelo fato de não serem facilmente identificadas na área de operações e, ainda assim, representarem um significativo risco ao oponente. Ao se expor para realizar suas ações, o inimigo permanece com a ameaça da presença do caçador na mente. Ainda que as equipes não tenham capacidade de operar em toda a zona de ação, a incerteza de sua presença e localização restringe a movimentação do inimigo e contribui positivamente para a segurança da tropa, conforme se observa em EUA, 2005:

A efetividade de um Cçd é medida mais do que por baixas inimigas e alvos destruídos. Os comandantes também sabem que o Cçd **afeta as atividades inimigas, o moral e as decisões**. A presença de caçadores dificulta o movimento inimigo, cria confusão e um medo contínuo no pessoal, atrapalha as operações inimigas, as suas preparações e força o inimigo a utilizar forças para lidar com os caçadores. (EUA, 2005, p. F-1, *apud* GONÇALVES, 2017, p. 25, tradução e grifo nosso)

Amparo legal

Via de regra, os caçadores irão se pautar pelos mesmos princípios que permeiam o uso da força letal empregados pela tropa, podendo separar os aspectos legais da sua atuação em dois momentos: em caso de guerra e em caso de não guerra (BRASIL, 2014, p. 4-2). Nos casos de guerra, os caçadores são empregados de acordo com suas possibilidades, visando a atingir os objetivos nacionais no conflito, assim como em qualquer outra fração ou elemento utilizado durante a guerra. Nessas situações, as atuações das equipes são regulamentadas pelas leis internacionais, tratados, convenções e declarações das quais o Brasil é signatário. Em

situações de não guerra, como nas operações de cooperação e coordenação com agências, as atividades realizadas pelos caçadores são orientadas pela Constituição Federal e pelas regras de engajamento da operação, prezando sempre pelo princípio da legitimidade nas ações. É importante salientar que, de fato, não há nenhuma lei no Brasil que, especificamente, trate sobre o emprego do caçador.

Conclusão

A evolução do combate moderno nos direciona para uma urbanização e aumento da presença de atores não estatais, os quais não se caracterizam em ameaça clara, exigindo um preparo cada vez maior e mais especializado das forças legais (GONÇALVES, 2017, p. 30). Nesse contexto, os decisores não poderão negligenciar a presença constante dos caçadores, ferramentas habilitadas a contribuir com a ampliação da consciência de situação em todos os níveis, atuando sempre com meticulosidade e com mínimo efeito colateral, pois, ainda que existam limitações legais quanto ao seu emprego, os ganhos táticos de sua adequada utilização vão muito além de cessar ameaças.

Para tanto, é necessário manter a rigorosa seleção do pessoal, adestramento constante dos militares, acompanhamento das evoluções doutrinárias e dos materiais de emprego, visto que os armamentos de precisão, munições especiais, equipamentos de observação, dentre outros optrônicos utilizados pelos caçadores, estão em constante evolução. Por fim, é de suma importância que os batalhões de infantaria equipem, adestrem e mantenham suas turmas de caçadores prontas para o emprego imediato, pois, caso contrário, abrirão mão dessa poderosa arma, capaz de mudar os cursos de uma operação militar. 

Referências

AMOR, Frederico Chaves Salóes. **As Forças de Operações Especiais em Operações de Apoio a Órgãos Governamentais**: O emprego das Equipes de Caçadores de Operações Especiais em apoio à Força-Tarefa de Operações Especiais das Forças de Pacificação. 2015. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2015.

BRASIL. Exército. Centro de Doutrina do Exército. C 21-30 – **Manual de Campanha Abreviaturas, Símbolos e Convenções Cartográficas**. 4. ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2002.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior do Exército. IP 21-2: **O Caçador**. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior do Exército. COTER. CI 21-2/2: **O Caçador**. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior do Exército. EB20-MF-10.102: **Doutrina Militar Terrestre**. 1. ed. Brasília, DF, 2014.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Campanha – Comando de Operações Especiais**. 1. ed. Brasília, DF: Comando de Operações Terrestres, 2019.

GONÇALVES, Rodrigo Villela. **A Força-Tarefa Batalhão de Infantaria Blindado no Ataque à Localidade**: Uma Doutrina de Emprego da Turma de Caçadores. 2017. 213f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2017.

KYLE, C. **American Sniper**. 1. ed. Harper Collins. Nova York. 2012.

SILVA, J. M. R. **O Destacamento de Reconhecimento e Caçadores no reconhecimento especial**: o apoio ao Destacamento de Ações de Comandos em uma Ação Direta. 2013. 116 f. Dissertação de mestrado (Ciências Militares) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Rio de Janeiro, 2013 (Reservado).

VEJA, 2015. <https://veja.abril.com.br/mundo/apertar-o-gatilho-e-a-parte-mais-facil-diz-ex-sniper-americano/>. Acesso em: 1º out 2020.